

Nova e preocupante reforma

ESTADO DE SÃO PAULO



São muito diferentes os significados dos termos "educação" e "ensino"

da, de autoria desse extraordinário educador, dom Lourenço de Almeida Prado, reitor de um dos mais reputados *educandários*, não apenas *estabelecimentos de ensino*, do Rio de Janeiro.

A muitos, atordoados como todos vivemos pelo frenesi das atividades da luta cotidiana, sobretudo nas grandes cidades, poderá parecer, à primeira vista, irrelevante o reparo que estamos fazendo acerca da diferença entre *ensino*

e *educação*. Trata-se, porém, de algo extremamente importante, cuja eventual e equivocada sinonímia é sintomática de um absurdo sentido de vida em que o homem, cada vez mais induzido a supô-lo predominantemente, se não totalmente material, se vai despojando da sua dignidade essencial de criatura de Deus, feita originalmente à Sua imagem e semelhança, para se reduzir à posição de subserviência aos ditames e conveniências de um processo produtivo a cujos mecanismos se deve submeter. Trata-se de disparete pressentido há cerca de meio século, quando Virgil Ghiorghiu assinalou, em obra de grande sucesso na época, que os homens, à força de dependerem das características das máquinas engendradas pelo seu espírito, esquecidos disso, estavam crescentemente se tornando menos humanos e mais maquinais. Ora, em outros tempos, quando a

instituição familiar tinha outra solidez, era em seu seio que lançavam raízes os primeiros e tantas vezes indelévels traços do processo educativo, como tão bem assinalou o grande Joaquim Nabuco em suas *Recordações da Casa Paterna*. Em seguida, vinha a escola primária, nem sempre um primor de técnicas didáticas, mas muitas vezes, em certo sentido, representativa de boa pedagogia, como uma espécie de continuação do lar.

Em nossos dias, como vão a instituição familiar e a escola primária ou, para usar expressões mais atualizadas, o *ensino* de primeiro grau? O tema é tão vasto que nos angustia a impossibilidade de tratá-lo em tão pouco espaço. Sejam permitido, porém, realçar, como o fez magistralmente dom Lourenço de Almeida Prado, que na adolescência são imperativas as exigências da *educação*, não apenas do *ensino*. E, dizemos nós, a prevalência do segundo sobre a primeira e, ainda mais, orientado de maneira visível para a *produção* ou, em sentido mais preciso, para a eficácia de futuro desempenho profissional, constitui clara denúncia sobre a desumanização crescente da sociedade, embora tanto se fale de direitos humanos. De *direitos*, note-se; já nem tanto de *deveres*, talvez porque estes dependem de disposições altruístas, cada vez mais raras e mais débeis. Por isso, não resistimos à tentação de citar outro pronunciamento magistral, de autor que também não conhecemos pessoalmente, representado por matéria publicada em grande jornal do Rio, sob o tí-

tulo *Desumano, puramente desumano*, e assinada pelo sr. Jurandir Freire Costa, professor e psicanalista, em que ele aborda, com extraordinária felicidade, o caso de um doente mental pobre que, tratado com despreço e grosseria por médico a quem recorrera, teve males físicos que o acometiam agravados, até levá-lo à morte. Aqui vai a transcrição do trecho final da matéria: "Morreste sem direito a réquiem; sem mesmo entender, em teu frágil desamparo, por que tudo aquilo te acontecia. Mas não morreste em vão. Tua morte denuncia a cupidez, o egoísmo e a insensatez de todos os que, neste país, se mantêm omissos no conforto tacanho de suas vidinhas pagas com a dor, a humilhação e a morte de irmãos em humanidade como tu. Aos que te viram como 'louco pobre' e, por isso, te trataram como 'um bicho que fala', mas que nem sente nem sofre como 'um de nós', a estes perdoa! Quanto aos que te amaram, te respeitaram, trataram e quiseram bem, a estes resta guardar tua memória e fazer dela alento e força para lutar por um mundo menos cruel e mais justo. Que Deus te dê a vida que nossa impiedade te roubou."

Acrescentaríamos apenas que, desgraçadamente, a desumanização não é, no momento, uma peculiaridade do nosso país. E que, esperamos, o "flash" magistral transcrito exemplifica, de maneira dramática, a diferença entre *educação* e *ensino*.

■ Jorge Boaventura, professor universitário, jornalista e escritor, é conselheiro do comando da Escola Superior de Guerra

Educação

Tem sido amplamente divulgado que, segundo deseja o próprio sr. presidente da República, este ano seria, ou será, o "ano da educação". Por outro lado, o sr. ministro da pasta correspondente acaba de tornar público o propósito de promover nova reforma do ensino médio, em cujo bojo se volta à preocupação de, no referido nível, dividi-lo em cinco modalidades diferentes, de modo a orientar os adolescentes para campos distintos de exercício profissional, cuja capacitação será adquirida no âmbito do chamado ensino superior, ou ensino de terceiro grau. Por favor, reparem os leitores, se é que os temos, para o fato de, ao assinalarmos a preocupação do sr. presidente com os problemas da área a que nos estamos referindo, reproduzirmos expressões a ele atribuídas sobre a intenção que tem de fazer de 1996 o ano da *educação*; já quando mencionamos o anúncio da reforma cujos traços fundamentais foram tornados públicos recentemente, fizemo-lo, da mesma maneira como as autoridades competentes o têm feito, designando-a como "reforma do *ensino* médio". E são coisas muito diferentes os significados das duas expressões, *educação* e *ensino*. Daí o nosso agrado ao tomar conhecimento, nesta página, do artigo nela publicada, segunda-feira passa-